

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TAYANE NEVES  
CÁTIA MALACHIAS

**A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NO ESPORTE: DESIGUALDADE  
SOCIAIS E DE GÊNERO**

Rio de Janeiro

2022.1

# **A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NO ESPORTE: DESIGUALDADE SOCIAIS E DE GÊNERO**

## **SEXUALIZATION OF WOMEN IN SPORT: SOCIAL AND GENDER INEQUALITY**

**Tayane Neves**

Graduandas do Curso de Educação Física do Centro Universitário São Jose.

**Orientadora Cátia Malachias**

Prof. Me. em Educação Física

### **RESUMO**

A reflexão acerca da sexualização e desigualdade no esporte é de urgente e extrema importância. Em 2021, ainda existem relatos de sexualização das mulheres no esporte, sendo necessárias campanhas e protestos afins de alertar sobre um tema que nos tempos atuais já deveria não existir. Atualmente tivemos a maior participação feminina da história nas olimpíadas, mas a igualdade de gênero é ainda uma realidade distante, devido ao tratamento da sociedade que insistem em fragilizar e objetificar o sexo feminino. Este artigo tem o objetivo de analisar a desigualdade de gênero, a hipersexualização e objetificação dos corpos femininos no contexto do esporte, exemplificar através dos acontecimentos atuais a importância do tema, verificar o acervo bibliográfico sobre a temática; e analisar casos de sexualização feminina no esporte ao longo dos anos.

**Palavras-chave: desigualdade, sexualização e gênero.**

### **ABSTRACT**

The reflection on sexualization and inequality in sport is of urgent and extreme importance. In 2021, there are still reports of sexualization of women in sport, and campaigns and protests related to warn about a topic that in the present day should not exist. Currently we had the largest female participation in the history of the Olympics, but gender equality is still a distant reality, due to the treatment of society that insist on weakening and objectify the female sex. This article aims to analyze gender inequality, hypersexualization and objectification of female bodies in the context of sport, exemplifying through current events the importance of the theme, verifying the bibliographic collection on the theme; and analyze cases of female sexualization in sport over the years.

**Keywords: inequality, sexualization e gender.**

## **INTRODUÇÃO**

Essa última olímpiada em Tóquio, trouxe ao debate a objetificação dos corpos femininos dentro do esporte. O que é uma discussão antiga, mas ainda necessária. Uniformes sempre mais justos e mais curtos, do que os masculinos, muitas vezes sendo praticados na mesma modalidade esportiva, os uniformes femininos são escolhidos de forma que deixe o corpo da mulher mais sensual e exposto.

A objetificação através do uniforme aliada a representação na mídia esportiva são algumas das principais barreiras que as atletas precisam enfrentar. Alguns esportes culturalmente compreendidos como masculinos e a mídia esportiva carrega um histórico extremamente machista no retrato das mulheres nas modalidades, que mesmo se consideradas “femininas”, carregam forte apelo sexual pela mídia, sendo seu destaque na mídia geralmente por seus atributos físicos, e não por feitos no esporte.

A igualdade de gênero de fato ainda permanece uma realidade distante no esporte, porém alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas é um dos dezessete objetivos para o desenvolvimento sustentável de acordo com a cúpula das Nações Unidas.

O artigo tem o objetivo de analisar a desigualdade de gênero, a hiperssexualização e objetificação dos corpos femininos no contexto do esporte, exemplificar através dos acontecimentos atuais a importância do tema, verificar o acervo bibliográfico sobre a temática; e analisar casos de sexualização feminina no esporte ao longo dos anos.

## **SEXUALIZAÇÃO DO GÊNERO**

De acordo com o dicionário sexualização quer dizer tornar algo sexual em caráter ou qualidade ou tornar-se consciente da sexualidade, especialmente em homens e mulheres. Segundo o estudo de Gwen Dewar (2012) pela Associação Americana de Psicologia essa sexualização está ligada a objetificação sexual e essa sexualização ocorre quando “os indivíduos são considerados objetos sexuais e avaliados em termos das suas características físicas e sensualidade”.

Em suas pesquisas ainda foram mostrados resultados que indicaram que mulheres mais frequentemente do que homens, são retratadas de maneira sexual e são objetivadas. Além disso, um padrão de beleza física é fortemente enfatizado.

Em 2021, ainda existem diversos relatos e exemplos de objetificação da mulher, em diversos âmbitos, o presente estudo dará ênfase no âmbito esportivo, que aqui será representado pelo apelo sexual midiático ao esporte ou ao uniforme das seleções femininas praticantes da ginástica artística nas Olimpíadas em Tóquio.

Segundo Lessa (2005) a conceitualização sobre a performance de gêneros e a sexualização das identidades começa a ganhar forma na Educação Física e já é possível falar de uma produção teórica sobre questões das mulheres ou mesmo questões de gênero.

A Teoria do Feminismo traz os questionamentos sobre a naturalização das mulheres, desmitificando a fragilidade, a doçura e a vulnerabilidade que são características atribuídas a feminilidade e que são consideradas contrárias a atletas ao esporte.

Ainda de acordo com Lessa (2005, p.160) “Os corpos marcados pelo sexo e pela sexualidade mostram a historicidade incontornável do humano e o esporte é um lugar privilegiado para o estudo dessa construção e reprodução de modelos hegemônicos.”

A participação da mulher no esporte foi iniciada com muitas proibições, mas com luta e resistência a História foi e está sendo inscrita e mudada. Segundo Silva (1994), citado por Lessa (2005, p. 165) em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND) criou o Decreto Lei nº 3.199, que no artigo nº 54 dizia que, as mulheres não poderiam praticar esportes “incompatíveis com sua natureza”. Em 1965 com a deliberação nº 7 definiram-

se regras para a participação das mulheres nos esportes, não sendo permitida às mulheres a prática do futebol, do futsal, do futebol de praia, do pólo, do halterofilismo, do baseball e das lutas de qualquer natureza. E somente em 1979, com a deliberação nº 10, a anterior é revogada devido ao feito bastante conhecido no Judô. Joaquim Mamed, diretor da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) daquele período, mudou os nomes de 4 meninas para nomes masculinos garantindo assim passagens para que a Delegação Brasileira pudesse participar de um campeonato sul-americano realizado na Argentina, em 1979. Ao retornar ao Brasil foi convocado pela CND para dar explicações e compareceu com as 4 meninas de medalhas no peito, através de muita polêmica o CND finalmente aprovou a participação das mulheres no Judô. Em 1980 o judô feminino foi oficializado para competição.

No cenário atual a participação de mulheres nos eventos olímpicos tenha adquirido uma maior visibilidade, não se pode afirmar que atletas do mesmo gênero tenham as mesmas oportunidades. O esporte consiste em um espaço de produção de corpos generificados, devido à construção cultural que determina as representações de masculinidade e feminilidade. Por essa razão, é possível observar nos eventos esportivos a representação normalizada de feminilidade e a erotização dos corpos femininos, de modo a exaltar seus atributos físicos e a sensualidade (FORNARI, et. al, 2019, p.3)

Em 1896, o lendário historiador francês Pierre de Coubertin, a quem se atribui a criação dos Jogos Olímpicos da era moderna, foi questionado sobre a participação feminina na primeira edição do evento e respondeu: “Uma olimpíada com mulheres seria impraticável, desinteressante, inestética e imprópria.”

Depois de 125 anos, as mulheres não só participaram em uma modalidade esportiva em uma Olimpíada, como em 2021, a competição internacional realizada em Tóquio teve participação de 140 atletas femininas, o equivalente a 46,5% da delegação nacional, e competiram em 20 modalidades.

A busca pela igualdade de gênero ganhou destaque em uma dessas modalidades, a ginástica artística, e trouxe a público a temática que originou o presente estudo, a objetificação que atletas sofrem por meio dos uniformes esportivos. O esporte sempre representado com classe, beleza e com uniformes sempre muito coloridos e extremamente justos trouxe espanto a todos quando a seleção de ginástica alemã se

apresentou com um macacão que cobria as pernas ao invés dos tradicionais collants. Mesmo, não sendo proibidos, o uniforme só foi utilizado em competições internacionais por motivos religiosos. As atletas utilizaram o uniforme com o de objetivo de garantir que as atletas tenham a opção de vestirem aquilo que quiserem e a que as deixem mais confortáveis, sem preocupação com o risco de alguma parte do seu corpo aparecer em uma das apresentações.

Rapidamente a forma de protesto ganhou destaque na mídia internacional, mídia essa que através da cobertura das atletas olímpicas foram um dos reflexos do aumento da participação feminina das competições, aspectos observados por meio das reportagens relacionadas ao evento, de acordo com (FORNARI, et. al, 2019, p.9), nas quais as conquistas femininas eram positivamente destacadas. Ela conclui ainda que a maior visibilidade das atletas na mídia durante a Olimpíada se deve ao fato de ser um evento esportivo de grande repercussão mundial e assim, os resultados positivos ou negativos são relevados, independente do sexo dos atletas.

Estudo da perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016 realizado por (FORNARI, et. al, 2019) mostraram que parte de textos das reportagens analisadas reproduziu padrões sexistas histórica e socialmente construídos. Padrões que destacam as desigualdades de gênero ao retratarem as atletas por meio de características estereotipadas do sexo feminino, onde as atletas são representadas principalmente como mulheres, e não por seu desempenho no esporte em que praticava.

Outra vertente do estudo da objetificação da mulher no âmbito esportivo, se evidencia de acordo com (SUNAGO, LOURENÇO, CAMPOS JUNIOR, 2018) que analisa o uso de apelos sexuais em propagandas de artigos esportivos. Categoria escolhida por ser historicamente imperado pelo sexo masculino e a grande maioria da comunicação esportiva ser voltada a homens heterossexuais. Por isso, há um uso rotineiro de apelos sexuais empregados na imagem da mulher na mídia e publicidade esportiva feminina na tentativa de chamar atenção do público, principalmente, masculino.

O experimento realizado por (SUNAGO, LOURENÇO, CAMPOS JUNIOR, 2018) após análise mostrou que o emprego de alto nível de apelos sexuais, antes associado, constantemente com a imagem feminina, não possui resultado positivo.

(FORNARI, et. al, 2019) concluiu que ao analisar sob a perspectiva de gênero, foi percebido que mesmo quando recebem cobertura de destaque, as atletas de esportes considerados masculinos são muitas vezes comparadas aos homens e descritas com estereótipos relacionados à masculinidade. Reforçando o heterossexismo que presente no esporte, uma vez que as atletas, quando não se adequam ao estereótipo de feminilidade, seja por terem um corpo mais musculoso, seja por competirem em modalidades esportivas consideradas masculinas, tem sua sexualidade questionada [...] diante disso, constatou que, apesar das atletas participarem de diferentes modalidades esportivas, os estereótipos de gênero permanecem velados no esporte.

## **REFERÊNCIAS**

ALDEMAN, M. **Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades**. Movimento. Porto Alegre: vol 12. n 1. p. 11-29, jan/abr 2006.

FAVERI, B. **A mulher no esporte: qual contexto histórico e social?**. 2021. Disponível em:< [A mulher no esporte: qual o contexto histórico e social? - Ciência da Bola \(cienciadabola.com.br\)](https://cienciadabola.com.br)> Acesso em : 13set. 2021

FORNARI, L.; LOURENÇO, R.; FONSECA, R.; SANTOS, D.; EGRY, E. **Perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016**. Curitiba: v. 28. 2019.

GIANNINI, A.; SEGALLA, A.; **A extraordinária participação feminina nos Jogos de Tóquio**. 2021. Disponível em:<[A extraordinária participação feminina nos Jogos de Tóquio | VEJA \(abril.com.br\)](https://abril.com.br)> Acesso em : 15set. 2021

LEAL, D.; MESQUITA, G. **O futebol de mulheres na revista Placar: da objetificação à redenção**. Estudos em Jornalismo e Mídia. v.18. n 1. jan/jun 2021.

LESSA, P. **Mulheres, Corpo e Esportes em uma Perspectiva Feminista**. Motrivivência, Ano VII. n 24, p. 157-172, jun, 2005.

LESSA, P.; VOTRE, S. **Por uma política da diferença e da identidade de gênero no esporte**. Estudos Feministas. Florianópolis: jan/abr 2007.

SUNAGO, N.; LOURENÇO, C.E.; JUNIOR, H. **O uso de apelos sexuais na propaganda esportiva e seus efeitos sobre o consumidor**. FGV. 2018.